



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

GT PROCESSOS DE CRIAÇÃO E EXPRESSÃO CÊNICAS - HIBRIDISMOS, INTERDISCIPLINARIDADES E PRÁTICAS INTERCULTURAIS NA CENA EXPANDIDA

O MARINHEIRO: SONHAR É PRECISO

NANCI DE FREITAS

O texto apresenta reflexões sobre a encenação do poema dramático *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, realizada pelo projeto Mirateatro – espaço de estudos e criação cênica, em temporada no Teatro Glauce Rocha, no Rio de Janeiro, em abril de 2016. O projeto, com direção de Nanci de Freitas, atua na mediação entre teatro e outras linguagens artísticas, em particular as artes visuais. A passagem do texto simbolista para a cena contemporânea foi traduzida no espaço por um dispositivo elíptico de tule branco, confinando as três personagens numa espécie de bolha que as separa do mundo real. Neste espaço onírico, a memória ganha forma nas palavras, nos sons e nas projeções de vídeo. O estranhamento e a densidade mental provocam um turbilhão de indagações e de perplexidades sobre o sentido da vida e da morte.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa: *O Marinheiro*: teatro simbolista: encenação contemporânea.

RESUMEN

- 3702 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

El texto presenta reflexiones sobre la puesta en escena del poema dramático *El marinero*, Fernando Pessoa, llevada a cabo por Mirateatro proyecto - estudios y espacio de creación escénica, en la temporada en el Teatro Glauce Rocha, Rio de Janeiro, en abril de 2016. El proyecto, dirección de Nanci de Freitas, la mediación entre el teatro y otras formas de arte, especialmente en las artes visuales. El pasaje del texto simbolista a la escena contemporánea se ha traducido en el espacio para un dispositivo de tul blanco elíptico, confinando a los tres personajes en una especie de burbuja que los separa del mundo real. En este espacio del sueño, la memoria se concreta en las palabras, los sonidos y las proyecciones de vídeo. Distanciamiento y la densidad mentales causan una serie de preguntas y perplejidades sobre el significado de la vida y la muerte.

PALABRAS-CLAVE: Fernando Pessoa: *El Marinero*: teatro simbolista: puesta en escena contemporánea.

ABSTRACT

The text presents reflections on the staging of Fernando Pessoa's dramatic poem *The Sailor*, accomplished by Mirateatro project - studies and scenic creation space, in season at Glauce Rocha Theatre in Rio de Janeiro in April 2016. The project, directed by Nanci de Freitas, acts in the mediation between theater and other art forms, in particular the visual arts. The adaptation of the symbolist text to contemporary scene was translated in space by an elliptical white tulle device, confining the three characters in a sort of bubble that separates them from the real world. In this dreamlike space, memory takes shape in words, sounds and video projections. Estrangement and mental density cause a flurry of questions and perplexities about the meaning of life and death.

KEY WORDS: Fernando Pessoa: *The Sailor*: symbolist theater: contemporary staging.

O Marinheiro, poema dramático de Fernando Pessoa (Lisboa, 1888-1935), foi encenado, entre 2014 e 2016, pelo grupo Mirateatro! Espaço de estudos e criação cênica, do

- 3703 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, sob a direção da pesquisadora Nanci de Freitas. ¹

As atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas pelo projeto Mirateatro propõem a criação de performances cênicas e espetáculos conectados com questões artísticas contemporâneas. O teatro é a área de referência, procurando, no entanto, ampliar seu espaço de pensamento e atuação, tendo em vista suas possibilidades de mediação com diversas linguagens artísticas, em particular com as artes visuais. O processo de criação de *O Marinheiro* foi realizado no Laboratório de Artes Cênicas – LabCena tendo o espetáculo inaugurado este espaço, em novembro de 2014. O laboratório, também coordenado pela Prof^a Nanci de Freitas, foi implantado com auxílio de um edital da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ. O espaço, cadastrado na UERJ como uma UDT – Unidade de Desenvolvimento Tecnológico - foi dotado de condições adequadas para a pesquisa, oferecendo recursos de iluminação, sonorização e projeção de vídeo, onde são desenvolvidos projetos, oficinas e disciplinas de dança, teatro e performance dos cursos de Graduação em Artes Visuais e de Pós-Graduação em Arte e Cultura Contemporânea. Aliando aspectos artísticos, acadêmicos e tecnológicos, o laboratório objetiva contribuir para a formação e qualificação de artistas, pesquisadores e docentes da área de artes cênicas, valorizando experiências artísticas aliadas às reflexões teóricas, tendo em vista o caráter interdisciplinar e a multiplicidade de formas cênicas na contemporaneidade.

Ao longo de 2015, o espetáculo *O Marinheiro* participou de atividades acadêmicas, dentre elas o Festival Universitário de Cultura, produzido em julho de 2015 pelo Fórum Interuniversitário de Cultura do Rio de Janeiro. A apresentação, realizada na Sala Esther Leão, na Escola de Teatro da UNI-RIO, na Urca, alcançou ótima recepção do público. Em abril de 2016, o espetáculo fez uma temporada no Teatro Glauce Rocha, no Rio de Janeiro, contemplado pelo edital Cena Aberta 2016, da Fundação Nacional de Arte – FUNARTE. Com esta temporada a experiência cênica pôde alcançar maior

- 3704 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

aprofundamento de questões artísticas e técnicas, com o uso de recursos oferecidos pelo Teatro Glauce Rocha e o contato com um público amplo, formado, particularmente, por professores e estudantes de universidades e escolas de teatro.

Atrizes: Natasha Saldanha, Lícia Gomes e Gleice Uchoa.



Foto: Carol Moreira, 2016.

O poema dramático *O Marinheiro*, escrito em 1913 e publicado no primeiro número da revista modernista *Orpheu* (Lisboa, 1915), apresenta um grande desafio para sua transposição cênica, por conta de seu caráter de “drama estático” e ênfase na palavra poética, numa ruptura com regras dramatúrgicas convencionais. Centrada em um quadro único, a peça não apresenta enredo e ações que possibilitem o embate de conflitos entre personagens e o encadeamento causal que levariam ao acontecimento dramático.²

- 3705 -



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Do que se trata *O marinheiro*, de Fernando Pessoa? - Numa torre (um espaço fora do tempo histórico), três mulheres - não nomeadas - atravessam uma madrugada espectral, velando uma morta, envolvidas numa atmosfera de sonho e imaginação. Enquanto esperam o amanhecer, as três veladoras tentam romper o silêncio imposto pela presença da morte, com narrativas de um tempo perdido, imerso na inocência, na beleza e na vivacidade da natureza. Elas se perguntam sobre o sentido de suas falas, pensamentos e ações. Ao mesmo tempo, temem que a noite chegue ao fim: “com a luz os sonhos adormecem”. Uma delas, tal qual nas lendas antigas, torna-se narradora de um sonho, no qual um marinheiro náufrago, perdido numa ilha deserta, constrói um mundo imaginário: “Durante anos e anos, dia a dia, o Marinheiro erguia num sonho contínuo a sua nova terra natal... Todos os dias punha uma pedra de sonho nesse edifício impossível... Breve ele ia tendo um país que já tantas vezes havia percorrido”. Mas, aos poucos ele ia perdendo o contato com a memória de sua vida anterior, como conta a Segunda veladora:

Um dia, que chovera muito, e o horizonte estava mais incerto, o Marinheiro cansou-se de sonhar... Quis então recordar a sua pátria verdadeira, mas viu que não se lembrava de nada, que ela não existia para ele... Toda a sua vida tinha sido a sua vida que sonhara... E ele viu que não podia ser que outra vida tivesse existido... Se ele nem de uma rua, nem de uma figura, nem de um gesto materno se lembrava... E da vida que lhe parecia ter sonhado, tudo era real e tinha sido... Nem sequer podia sonhar outro passado (PESSOA, p.12).

As Veladoras, impregnadas pela estória do Marinheiro e tomadas por espanto, se sentem esvanecer entre imagens do real e da ficção. “Não seria sonho esta coisa vaga a que eu chamo a minha vida?”, diz uma delas que, ante a dissolução da linguagem e da

- 3706 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

existência, vê a própria fala se dividir entre o som e o sentido, num horror que parece comandado por algo não visível: “Quem é que estou sendo? Quem é que está falando com a minha voz?”. O sonho caminha para um pesadelo, um suspense metafísico que gera o apelo angustiado: “quem poderia gritar para despertarmos?” (Ibid.p.17).

Numa contraposição ao realismo, o modernista Fernando Pessoa, em *O Marinheiro*, se aproxima do simbolismo, estilo que nos legou a poesia de autores da altitude de Baudelaire e Malharmé. No Brasil, Cruz e Souza e Alphonsus de Guimarães. Na relação entre poesia e teatro, a maior referência para o contexto de escrita do poema dramático de Pessoa é o belga Maurice Maeterlinck, autor de peças como *Os cegos* e *A Intrusa*, que concebeu uma forma denominada “teatro estático”, numa valorização da palavra e de suas sonoridades, sugestivas de sensações e devaneios. O foco na manifestação do inconsciente e na subjetividade radical representava uma oposição ao teatro naturalista, então em voga, na Europa. Rompendo com convenções da cena, o texto simbolista encontraria eco nas reflexões de Richard Wagner, a propósito do drama musical, e nas propostas cênicas do suíço Adolphe Appia, do inglês Gordon Craig, e nos primórdios das encenações do russo Meyerhold, contrariamente à cenografia realista de Stanislavski, no Teatro de Arte de Moscou. Questões que surgiram no final do século XIX e seriam amplamente experimentadas ao longo do século XX. O simbolismo abrindo o caminho para as vanguardas expressionistas e surrealistas, que iriam povoar o pensamento estético de Antonin Artaud para uma cena que ele vislumbraria, sem alcançar realização concreta.

No âmbito dessas experiências simbolistas, Fernando Pessoa mergulhou no universo mítico, escrevendo além de *O marinheiro*, outros textos dramáticos: *A morte do Príncipe*, a partir de Hamlet; *Salomé* (mito bíblico inscrito numa tradição de reescrituras, dentre elas a peça de Oscar Wilde); *Diálogo no Jardim do Palácio* (que sugere os diálogos de Platão sobre o amor); e *Sakyamuni* (que aponta para a figura de Siddhartha Gautama, o Buda). As peças

- 3707 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

inacabadas integram um conjunto de fragmentos textuais, reunidos na publicação brasileira intitulada *Teatro do êxtase*, organizada pelo professor da USP, Caio Gagliardi (2010). De todas as peças, *O Marinheiro* é a única finalizada. (Há também o poema dramático *Fausto*, composto em versos, que não integra esta coletânea). Sobre *O Marinheiro*, afirma Caio Gagliardi: “incluise na categoria especial dos textos a que somos compelidos a retornar, com o desejo vão de desvendá-los, mesmo sabendo que sua graça e, quem sabe, seu valor está em justamente não o fazer” (GAGLIARDI, 2011: p. 98).

Num manuscrito de 1914, Fernando Pessoa formula sua concepção de teatro estático:

Chamo teatro estático àquele cujo enredo dramático não constitui ação – isto é, onde as figuras não só não agem, porque nem se deslocam nem dialogam sobre deslocarem-se, mas nem sequer têm sentidos capazes de produzir uma ação; onde não há conflito nem perfeito enredo. Dir-se-á que isto não é teatro. Creio que o é porque creio que o teatro tende a teatro meramente lírico e que o enredo do teatro é - não a ação nem a progressão e consequência da ação – mas, mais abrangentemente, a revelação das almas através das palavras trocadas e a criação de situações (...). Pode haver revelação de almas sem ação, e pode haver criação de situações de inércia, momentos de alma sem janelas ou portas para a realidade (PESSOA, 1973, p. 112)

Atrizes: Gleice Uchoa, Natasha Saldanha e Lícia Gomes.

- 3708 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS



Foto: Pedro Henrique Borges, 2016.

A densidade da linguagem poética de *O Marinheiro* se faz no caráter estático da cena, permitindo a condensação espiritual que leva ao êxtase e ao sonho, o acesso ao oculto, iniciação a certos sentidos da vida e da morte e do horror que a revelação produz. A densidade espacial onírica faz lembrar a pintura metafísica e as “personagens”, em atitude hierática, parecem se remeter a uma ancestralidade própria das tragédias clássicas. Elas parecem inexoravelmente presas a uma fatalidade, a um mecanismo que as impede de agir, determinando, tal qual a moira grega, o destino trágico.

A indicação temporal é de uma noite que avança, mas as Veladoras estão mergulhadas no tempo amplo da espera, da memória e da imaginação, que não se pode medir. Nas primeiras falas da peça, diz a Primeira Veladora: “Ainda não deu hora nenhuma”. Responde a Segunda Veladora: “Não se pode ouvir. Não há relógio aqui perto. Dentro em pouco deve ser dia”. Retruca a Terceira Veladora: “Não: o horizonte é negro”. Apenas

- 3709 -



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

luz e escuridão podem determinar o fluxo dos sentidos e da consciência, embalados pelo ir e vir do som do mar. A Segunda Veladora diz: “As horas têm caído e nós temos guardado silêncio”. O quadro é de mistério e contemplação, como se vê na fala da Primeira Veladora: “Por mim, tenho estado a olhar para a chama daquela vela. Às vezes treme, outras vezes empalidece. Eu não sei por que é que isso se dá. Mas sabemos nós por que se dá qualquer coisa?” (PESSOA, p. 3). A noite avança e os primeiros clarões de sol parecem iluminar a cena, mas o terror traz de volta a escuridão: “O dia devia ter já raiado... Deviam já ter acordado... Tarda qualquer coisa... Tarda tudo... Ah, não me abandonem!”, suplica uma das personagens. (PESSOA, p.17).

Encerradas num tempo não linear e numa teia que elas tecem como autômatos, as veladoras só podem suportar o vazio pela fala, pela qual constroem uma realidade ficcional. “Contemos histórias umas às outras... Eu não sei nenhuma, mas isso não faz mal... Só viver é que faz mal...”, diz a Segunda veladora. Mas logo o falar ganha dimensão metafísica e perde o sentido: “As minhas palavras presentes, mal eu as digo, pertencerão logo ao passado, ficarão fora de mim, não sei onde, rígidas e fatais... Tenho um medo maior do que eu. É por isto que me apavora ir, como por uma floresta escura, através do mistério de falar...”, diz a Terceira Veladora. E faz-se silêncio e pausa: “O silêncio começa a tomar corpo, começa a ser coisa... Sinto-o envolver-me como uma névoa...”, diz a Primeira Veladora. Para depois voltar às palavras e ao diálogo apenas como gesto para manterem-se acordadas. Ou vivas.

Assim foi a percepção da pesquisadora Tatiana Motta Lima, quando de uma apresentação de *O Marinheiro*, na Escola de Teatro da Uni-Rio:

De quais palavras temos necessidade? Frente à morte, frente ao sono, quais são as palavras que podem nos acordar? Com certeza não são as palavras de ordem. Nem as moralidades. Nem as palavras que aparecem nos livros de autoajuda. Nossa chance parece ser continuar a perguntar, a perguntar-nos.

- 3710 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

A angústia, a inquietação, o desassossego talvez, antes de serem sentimentos a serem vencidos em busca de uma inserção subjugada no mundo “real”, podem ser bússolas na viagem da alma. Os sonhos, as fantasias e as memórias (sempre recontadas – sempre novas - a cada vez que surgem) podem ser bons companheiros de travessia, barcos da alma, pois que visitam “outras terras” menos gentrificadas, com outra população e outra valentia. Outrar-se. Eu outro, tu outras, ela outra. Esses outros querem e merecem ter voz. E essas vozes podem ser “chamados”.³

As “personagens” não configuram individualidades dotadas de vontade para impulsionar as ações. Seus diálogos não constituem progressão dramática, permanecendo como enunciados de caráter filosófico, por meio dos quais a memória, tempo e imaginação estabelecem densidade poética. O tom lírico e contemplativo quase não as distingue umas das outras. Na primeira parte do texto, elas debruçam-se em narrativas do passado, tentando escapar ao peso do presente e da morte, lembrando ou recriando imagens de um tempo luminoso, de uma idade de ouro perdida. Estas lembranças constroem um fio de memória que esboça algumas particularidades das personagens. A Primeira Veladora sente medo de falar do passado e sempre desconversa. Ela nunca tinha visto o mar antes e pode vê-lo agora da pequena janela do quarto em que se encontra. Ela adora os montes e tem certa alegria. Gosta de cantar. Gleice Uchoa, a intérprete do papel, assim a analisa:

Ela se lembra de um passado onde vivia em montes, onde ela foi feliz. Vivia com sua mãe, felizes na floresta. Era uma calmaria. E ficavam falando de irem ver outras terras. Tinha o hábito de colher flores todo dia, de molhar os pés na água do rio. Fica triste quando se lembra desse passado. Prefere ficar esperando o raiar do dia e fica com medo de falar dele. Diz que o

- 3711 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

passado é um sonho e que se olharmos o presente com muita atenção, ele se torna passado. Indaga o porquê da morte e pensa que se vivêssemos no sonho a morte nos esqueceria.⁴

A Terceira Veladora fala pouco, sente-se insegura, acha que falar é um mistério e que suas palavras se perderão no passado. Prefere ouvir as narrativas das outras, mas decide contar que ao pé da casa de sua mãe corria um riacho. A atriz Lícia Gomes fala de sua personagem: “Ela conta que já não se lembra de quem era outrora Pede para falarem da morte para sentir razão para recordar. Insiste para a segunda continuar contando o sonho do marinheiro. Depois diz que ela não devia ter contado a história. Sente horror. Fala para acreditarem que tudo foi um longo sono”.⁵ Em sua narrativa do passado, traz as imagens de maior terror:

Eu vivi entre as sombras dos ramos e tudo na minha alma é folhas que estremecem. Quando ando ao sol, a minha sombra é fresca. Às vezes, a beira dos lagos, debruçava e fitava-me... Quando eu sorria, os meus dentes eram misteriosos na água... Tinha um sorriso só deles, independente do meu. Era sempre sem razão que eu sorria... Fala-me da morte, do fim de tudo, para que eu sinta uma razão para recordar... (PESSOA, p. 7).

A Segunda Veladora, interpretada por Natasha Saldanha, apresenta maior objetividade e funciona como um corifeu do teatro grego. Suas narrativas vieram das memórias de sua vida frente ao mar: “Eu vivi entre rochedos e espreitava o mar... A orla da minha saia era fresca e salgada, batendo nas minhas pernas nuas”. É ela quem inicia os relatos do passado, como uma parca fiandeira que tece as palavras com a memória:



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Todo este país é muito triste... Aquele onde eu vivi outrora era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe... Muitas vezes eu olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse (PESSOA, p. 4).

Atriz: Natasha Saldanha



Foto: Maria Lúcia Galvão, 2014.

E coube à Segunda Veladora o relato de um sonho com o Marinheiro náufrago. Para Teresa Rita Lopes, ela é “a única que tem o poder de criar, através do seu sonho em voz alta, uma criatura, o Marinheiro, e desdobra as suas asas”. Ela tece uma narrativa

- 3713 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

carregada de imagens e sonoridades que consegue acordar suas companheiras de vigília e transportá-las à realidade onírica. Mas, repentinamente, interrompe a estória, tomada pela perplexidade que seu próprio contar lhe provoca. As pausas reiteram a hesitação que marca o ritmo da peça:

Falemos / Não falemos; Sonhemos / Acordemos; Evitemos a vida / saudemos o dia real. A pedido da Terceira Veladora, a Segunda volta ao seu sonho do Marinheiro, desta vez para contar o sonho a que ele, por sua vez, se consagrou: O de uma “nova pátria” que finalmente se tornou mais real que a sua “pátria verdadeira” (LOPES, 2009).⁶

A palavra poética no simbolismo parece ter mais importância do que as próprias personagens. As pausas e silêncios produzem forte apelo simbólico aos leitores e possíveis espetadores. Na narrativa sobre o marinheiro, a sensação de perda (da pátria, da memória) leva à dissolução dos limites entre as lembranças das três veladoras e elas se tornam apenas enunciadoras do sonho e da linguagem. As vozes vão se desprendendo dos seus corpos e elas se desvanecem no espaço, numa fissura do eu lírico, do mistério de existir e da própria criação artística que se faz metalinguagem. Mas, num lance de êxtase, as três falas vão se confundindo numa espécie de uníssono que rememora à força ritualística do coro trágico.

Na tessitura do “drama”, vemos a ação de personagens movendo-se no espaço e no tempo: “A atmosfera que assim progressivamente nos envolve é a de um clímax criado apenas pelas palavras respondendo às palavras, que desemboca num *pathos* da linguagem”. É assim que a fala ganha o pronome nós: “Oh que horror íntimo nos desata a voz da alma, e as sensações dos pensamentos, e nos faz falar, sentir e pensar quando tudo em nós pede o silêncio e a inconsciência da vida”. (SEABRA, 1988, p.71).

- 3714 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

O drama não se passa mais na torre de um castelo, mas dentro da mente humana: “Das veladoras, embora ainda identificadas como enunciadoras, resta apenas o espectro, e a peça, como que nos convidando à releitura, permite entrever sua imagem latente: de uma única personagem em conversa consigo mesma” (GAGLIARDI, 2011, p. 102). Em *O Marinheiro*, sem lançar mão de seus heterônimos, Fernando Pessoa - ele mesmo - se desdobra nas vozes das três veladoras, em narrativas carregadas de silêncios e irrealidades reiterativas de que “a vida é sonho”. Para Caio Gagliardi, claro estaria a forte reflexividade discursiva, que pode ser vista tanto no nível do enunciado quanto no nível da enunciação, revelando uma voz autoral, que já anteciparia o drama da heteronímia de Pessoa:

Ler (mas, sobretudo, reler) *O marinheiro* consiste, assim, na engenhosa tarefa de se descobrir véus por trás de véus, caixas dentro de caixas (a exemplo das matrioskas, as bonecas russas feitas de madeira oca, que englobam umas às outras), teatros espelhando teatros. Lê-lo é já, portanto, cair num abismo (*mise en byme*) existencial, do qual transborda a consciência absolutamente ativa e lúdica de seu autor. (...) Em *O marinheiro*, o teatro assume o estatuto de metáfora mais ampla do jogo ilusório a que se destina o conhecimento de categorias outrora transparentes, tornadas instáveis na modernidade: o autor e a personagem, a identidade e a alteridade, a ficção e a realidade. Aqui, esses pares aparecem não apenas indistintos, como trocados (GAGLIARDI, 2011, p.117).

A encenação do Grupo Mirateatro partiu da relação com o simbolismo e o “teatro estático”, no entanto, procurando estabelecer uma perspectiva própria, com meios da cena contemporânea. A limitação das ações dramáticas das veladoras e a ênfase na linguagem poética apresentaram-se como um desafio para a interpretação das três atrizes. Optamos por não enfatizar a imobilidade total. Elas atuam numa contenção gestual, mas se deslocando pelo espaço lentamente, de acordo com as mudanças de

- 3715 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

atmosferas, sensações angustiantes provocadas pelas lembranças e pela incidência da luz, com a aproximação do amanhecer. Em certos momentos permanecem sentadas, imóveis. Exercita-se uma presença contida, forte e trágica, sustentada por sequências gestuais e vocais elaboradas em processos de criação que procuraram valorizar aspectos da memória e da subjetividade das atrizes. Há uma cena em que a Primeira Veladora entoava um canto e outra em que a Terceira Veladora faz uma dança ao som de um fado, materializando o desejo da Segunda Veladora, que diz: “Sinto-me desejosa de ouvir músicas bárbaras que devem agora estar tocando em outros continentes... É sempre longe na minha alma... Talvez porque, quando criança, corri atrás das ondas à beiramar”. A postura hierática, a economia dos gestos, a precisão do olhar e a densidade da fala poética, procuravam, no entanto, não perder certa naturalidade.

O cenário de Carol Moreira foi criado como uma instalação de artes visuais, um espaço cênico não realista para a transposição das imagens poéticas do texto de Pessoa.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS



Foto: Nanci de Freitas

O cenário é assim descrito na rubrica da peça de Fernando Pessoa:

Um quarto que é sem dúvida num castelo antigo. Do quarto vê-se que é circular. Ao centro ergue-se, sobre uma mesa, um caixão com uma donzela, de branco. Quatro tochas aos cantos. À direita, quase em frente a quem imagina o quarto, há uma única janela, alta e estreita, dando para onde só se vê, entre dois montes longínquos, um pequeno espaço de mar (PESSOA, p. 3).

A torre onde as veladoras estão encerradas foi traduzida cenicamente por um dispositivo elíptico de tule branco que circunda as atrizes, confinandoas numa espécie de bolha que as separa do mundo real. No decorrer das cenas, as atrizes puxam tiras de

- 3717 -



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

tule de comprimentos variados, que vindas da parte superior do dispositivo são presas no chão, criando linhas transversais e pontos de tensão no espaço, como uma teia que vai sendo tecida ao longo da narrativa. O caixão onde é velada uma donzela morta, colocado no canto diagonal esquerdo do palco, é apenas sugerido de forma estilizada por um móvel retangular coberto por um tecido branco. Sobre ele, suspensos por fios transparentes, pendem vinte potes de vidro com velas. Neste espaço onírico, a poesia e o imaginário ganha forma nas palavras, nos sons do mar e nas músicas de Antônio Jardim, do disco que se chama *Cantos de Memória* (feliz coincidência!) e que dialoga de forma sensível com a musicalidade do texto de Pessoa. As narrativas do passado ganham formas cênicas nas projeções de vídeos no próprio dispositivo de tule. Imagens das atrizes vestidas de branco e descalças foram filmadas em espaços livres e luminosos (Parque Lage e Praia do Arpoador), trazendo elementos da memória das veladoras, como monte, pedra, riacho, bosque, flores e o mar, contraponto às personagens de preto e gestual contido, aprisionadas no presente e na morte. Temos assim uma poética cênica que conjuga o mistério e o encerramento sugerido pela bolha com os fluxos da natureza e da organicidade.

José da Costa Filho (professor e pesquisador da UNI-RIO) escreveu, após assistir à apresentação de *O Marinheiro*:

A cenografia envolvendo completamente as atrizes em um ambiente interior, cujas paredes são de um leve tule branco transparente, garante tanto a segregação das personagens em relação à vida cotidiana e ao mundo no qual os espectadores se encontram, quanto também a porosidade, ou seja, a transitividade entre a ficção e a vida supostamente real, entre o sonho e o mundo social efetivo. (...) Por mais metafísicas que sejam as considerações sobre a vida, o sonho, as palavras, a voz e o sentido da linguagem verbal, elas reverberam sobre nós, espectadores, com peso de grande concretude e a força de uma experiência vital. Nosso

- 3718 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

sentimento, nossas sensações e nossa memória de perdas, reinvenções, perplexidades e vazio também se despertam e se mesclam sob a influência das palavras e vozes noturnas e possivelmente sonolentas das três mulheres em cena. O encerramento e a contenção se distendem, de certo modo, por meio dos vídeos projetados que abrem janelas de respiração novas para o espectador, trazendo imagens de paisagens naturais, fluxos de água e de uma luminosidade intensa de que a noite e a penumbra da situação cênica são a completa contraposição. A sintaxe do encerramento e da abertura que transparece em toda a proposição cênica se complementa pelas músicas e pela sonoridade cuidadosa e sugestiva para os sonhos, sensações e fluxos que se produzem em nós a partir da cena que testemunhamos.⁷

A experiência realizada na encenação de *O Marinheiro* buscava a cumplicidade do espectador ao acontecimento, no entanto, o ritmo entrecortado por pausas e silêncios, o estranhamento e a densidade mental geravam um feixe de sensações, provocando um turbilhão de indagações e perplexidade sobre o sentido da vida e da morte.

Antônio Jardim, compositor das músicas de cena do espetáculo, escreveu um texto em que diz:

Acabamos de assistir a um espetáculo tão belo quanto intrigante. Um espetáculo que tem três atrizes em cena. Três jovens e talentosas atrizes. Uma direção firme e criativa, um cenário simples e intenso. Assistimos a uma peça teatral que, possivelmente, cumpre o destino de fazer-se memória em quantos a tenham assistido. (...) N'O Marinheiro não temos só uma palavra, temos a ação dramática, significa, temos uma música inteira. A música principal do texto é o próprio texto. A musicalidade inaugural de um espaço-temporalidade, a música protagonista, a música do embate inaugural, primeiro, principal. Espaço-tempo? alguns se

- 3719 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

perguntarão. Sim, espaço-tempo criado a cada enunciação do texto e necessariamente de cada palavra neste. Sim, se há uma música, há espaçotempo. Não enquanto algo que ocupe lugar, mas algo que cria um lugar, um espaço-tempo, cria uma teatralidade inaugural, primeira. Teatro diz ver o que se põe, no lugar propício, propiciador. Não num espaço e tempo entendidos enquanto *a priori*, mas como, instâncias, presenças inequivocamente inseparáveis e conjugadas aos fenômenos e como fenômenos se apresentam. Lugar como conjunção, conjugação espaço-temporal. Música põe-se como uma conjunção espaço-temporal. O teatro nesta obra de Fernando Pessoa é inseparável de sua música, de sua musicalidade. Sua música é o que nos convoca, nos chama para fazermos essa experiência, essa superação de nossos limites.⁸

Decerto não conseguimos alcançar a musicalidade da palavra poética de Fernando Pessoa, transmutada em tempo espaço, “palavra como experiência, isto é, como superação de seu limite”, tal como projetada por Antônio Jardim. Seria possível? Seria possível a transposição cênica da poesia de tal ordem? Muito já se falou da dissolução de certas obras primas em sua tentativa de enunciação pelo ator, no gesto de figurar aquilo que só pode ser apreendido pela percepção mental, pela emoção e imaginação. Entre a intenção e o gesto há distâncias incomensuráveis. Ainda assim, foi uma linda viagem, aventura de grandes obstáculos e ondulações ao mar. Viagem sem volta. Aprendizagem. Afinal, viver não é preciso, criar é preciso. Sonhar é preciso.

Referências

GAGLIARDI, Caio (org.) *Teatro do êxtase*. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. “A reflexividade discursiva em *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa”.



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Pitágoras, 500 – vol. 1 – São Paulo, 2011.

LOPES, Teresa Rita. 2009. Localizado em 05.11.2016.

<http://www.umfernandopessoa.com/uploads/1/6/1/3/16136746/pessoa-e-oteatro-de-extase.pdf>

PESSOA, Fernando. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*. Org. de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1973.

_____. *O eu profundo e os outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1988.

Ficha Técnica - O Marinheiro

Texto: Fernando Pessoa Direção:

Nanci de Freitas

Elenco: Gleice

Uchoa

Lícia Gomes

Natasha Saldanha

Equipe de criação:

Iluminação e operação de luz: César Germano

Concepção cenográfica: Carol Moreira e Ana Clara Souza

Projeto cenográfico e coordenação de montagem: Carol Moreira

Vídeos: Pedro Henrique Borges e Sara Paulo

Operação de som e vídeos: Pedro Henrique Borges

Composição da trilha sonora: Antônio Jardim

Músicas: Antônio Jardim. *Dois Epitáfios* e *Sonata para piano*. CD: *Cantos de memória*. Rio de Janeiro: Tons e Sons, 1998.

- 3721 -



ABRACE

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

Figurinos: Graciana Almeida

Programação visual: Pedro Henrique Borges

Fotografia: Ana Clara Souza, Maria Lúcia Galvão, Mário Tadeu, Elizeth Pinheiro.

Produção:

Produção Executiva: Nanci de Freitas

Direção de produção: Ayala Rossana Almeida de Lima (Caixa Preta Produções Artísticas).

www.mirateatro.wordpress.com.

¹ Nanci de Freitas é Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. É doutora em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Leciona no Departamento de Linguagens Artísticas e no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ). Diretora, pesquisadora e coordenadora do projeto Mirateatro! Espaço de estudos e criação cênica e do Laboratório de Artes Cênicas.

² Estou utilizando citações do texto *O Marinheiro*, de Fernando Pessoa, em PDF, na internet. <http://www.encontrosdedramaturgia.com.br/wp-content/uploads/2010/10/Fernando-Pessoa-O-MARINHEIRO.pdf> - Localizado em 05.11.2016

³ Tatiana Motta Lima é professora na Escola de Teatro da UNI-RIO e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNI-RIO. Citação do texto de Tatiana: acervo do projeto Mirateatro.

⁴ Texto da atriz Gleice Uchoa, escrito durante os ensaios da peça. Acervo do projeto Mirateatro. ⁵ Texto da atriz Lúcia Gomes, escrito durante os ensaios. Acervo do projeto Mirateatro.

- 3722 -



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

WWW.PORTALABRACE.ORG



IX CONGRESSO DA ABRACE

POÉTICAS E ESTÉTICAS DESCOLONIAIS - ARTES CÊNICAS EM CAMPO EXPANDIDO

DE 11 A 15 DE NOVEMBRO DE 2016
UBERLÂNDIA - MG

TEXTOS COMPLETOS

⁶ *Pessoa e o Teatro do êxtase*. Texto de Teresa Rita Lopes, 2009. Este ensaio foi publicado originalmente no programa da peça de teatro *O Marinheiro*, encenada pelo Teatro Plástico, na cidade do Porto. Localizado em 05 de novembro de 2016.

<http://www.umfernandopessoa.com/uploads/1/6/1/3/16136746/pessoa-e-o-teatro-de-extase.pdf>

⁷ José da Costa Filho é professor na Escola de Teatro da UNI-Rio e pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNI-RIO. Citação de texto que José da Costa escreveu para o grupo. Acervo do projeto Mirateatro.

⁸ Antônio Jardim é compositor e músico no grupo Música Surda. É também professor e pesquisador na Escola de Música da UFRJ e professor de Filosofia, na Faculdade de Educação da UERJ. Citação de texto que Antônio Jardim escreveu para o grupo. Acervo do projeto Mirateatro.